



Um menino às margens do Rio Taedong

Keizo: Outro dia, o senhor me contou que testemunhou a Segunda Guerra Mundial.

Mestre Itsuki: Sim, testemunhei.

Keizo: Ainda reflete sobre essa experiência?

Mestre Itsuki: O Japão foi derrotado na Segunda Guerra Mundial quando eu cursava o primeiro ano do segundo grau. Na época eu vivia em Pyongyang, atual capital da Coreia do Norte.

Keizo: Naquele período era território do Japão.

Mestre Itsuki: Nossa escola foi fechada subitamente e meus dias passaram a ser regidos por uma combinação de liberdade e caos inimagináveis.

Keizo: (silêncio, olhando o rosto do mestre)

Mestre Itsuki: Um dia, quando o rio Taedong estava cheio, por causa das fortes chuvas, decidi tentar atravessá-lo à nado, era um rio muito largo.

Keizo: É o principal rio que margeia Pyongyang.

Mestre Itsuki: O Teadong era um rio particularmente estranho. A sua correnteza por vezes invertia o sentido, em geral quando o mar na foz subia.

Keizo: Então é parecido com a pororoca.

Mestre Itsuki: As camadas superiores da água do rio e a sua subcorrente interagem de formas bem complexas. Eu não estava muito seguro de que conseguiria cruzá-lo a nado, mas, aos treze anos, não era capaz de resistir à tentação de uma aventura perigosa como aquela.

Keizo: Perigoso, Mestre.

Mestre Itsuki: Quando estava na metade da travessia fui subitamente tomado por um inesperado e imenso terror. A temperatura da água e a corrente mudaram de repente.

Keizo: E como foi?

Mestre Itsuki: Meus braços e pernas ficaram rígidos e eu corria o perigo de ser puxado para baixo pela contracorrente do fundo do rio. Entrei em pânico e dei meia volta, rumo à margem.

Keizo: O senhor me lembrou que também já fui engolido pela correnteza e tudo que podia fazer era esperar que aquele fluxo violento liberasse meu corpo do fundo do rio.

Mestre Itsuki: No final acabei conseguindo chegar à margem e passei o resto do dia olhando para aquela água barrenta, amarelada que rodopiava freneticamente por causa dos redemoinhos.

Keizo: O que o senhor contemplou naquele momento?

Mestre Itsuki: Enquanto observava tive a estranha sensação de que meu corpo e minha mente tinham sido absorvidos naquele fluxo portentoso e estavam sendo carregados com ele para o seu destino final.

Keizo: Seu corpo e mente não estavam com o senhor?

Mestre Itsuki: Acho que foi a primeira vez em que me tornei consciente, ainda que vagamente, da enorme e invisível corrente a que se poderia chamar de força do destino.

Keizo: O que é essa força?

Mestre Itsuki: De tempos em tempos ainda consigo evocar a estranha percepção que tive naquele dia.

Keizo: (silêncio, olhando o rosto do mestre)

Mestre Itsuki: Foi uma sensação curiosa, como se meu próprio ser estivesse se movendo em um grandioso ritmo invisível e se estendendo infinitamente.

Keizo: O que podemos ver é comparável a uma gota d'água. Todo o resto, desconhecido, é equiparável ao grande oceano, segundo o Sutra Maior.

Mestre Itsuki: Exatamente. Bom, desde então passei por muitos rios e sempre que me sento à margem de um deles, revivo aquela sensação que experimentei ainda menino às margens do Taedong.

Keizo: O homem é tão pequeno diante da natureza que uma pessoa seria uma única gota d'água em um rio majestoso.

Mestre Itsuki: Não passa de uma gotinha d'água, mas é uma parte do grande fluxo, uma parte do ritmo que se movimenta à batida incalculável do tempo. Essa é a consciência que brota espontaneamente dentro de mim quando vejo um rio correr.

Poeta:

*Existem folhas e galhos flutuantes
Em cada corrente fluvial
A despeito de qual vai depois
Qual vai primeiro
São estas todas arrastadas
Para, por fim, o vasto oceano.*

Mestre Itsuki: O mesmo ocorre com este mundo. Embora se possa desfrutar livremente de poder, status, riqueza e prazer, não se pode escapar do nascimento, do envelhecimento, da doença nem da morte. A partir daí que podemos seguir para o novo horizonte.

